

**JOSÉ  
BORZACCHIELLO  
DA SILVA**

# Paraná gala



Coleção Pajué



# **Parangaba**



Obra realizada com o apoio da Prefeitura Municipal de Fortaleza,  
por meio da Secretaria Municipal de Cultura de Fortaleza – Secultfor.

Prefeito de Fortaleza  
**Roberto Cláudio Rodrigues Bezerra**

Vice-Prefeito de Fortaleza  
**Gaudêncio Gonçalves de Lucena**

Secretário Municipal de Cultura de Fortaleza  
**Francisco Geraldo de Magela Lima Filho**

Secretária-Executiva  
**Paola Braga de Medeiros**

Assessora de Políticas Culturais  
**Nilde Ferreira**

Assessor de Planejamento  
**Inácio Carvalho de A. Coelho**

Assessora de Comunicação  
**Paula Neves**

Assessor Jurídico  
**Vitor Melo Studart**

Coordenadora de Ação Cultural  
**Germana Coelho Vitoriano**

Coordenador de  
Criação e Fomento  
**Lenildo Monteiro Gomes**

Coordenador de Patrimônio  
Histórico e Cultural  
**Alênio Carlos N. Alencar**

Coordenador  
Administrativo-Financeiro  
**Max Diego de Carvalho Caldas**

Diretora da Vila das Artes  
**Claudia Pires da Costa**

Secretário da Regional IV  
**Francisco Airton Morais Mourão**



**Prefeitura de  
Fortaleza**  
Secretaria Municipal de Cultura  
de Fortaleza

José Borzacchiello da Silva

# Parangaba



*Copyright* © 2014, José Borzacchiello da Silva

Concepção e Coordenação Editorial  
**Gylmar Chaves**

Projeto Gráfico e Diagramação  
**Khalil Gibran**

Revisão  
**Milena Bandeira**

Fotos da Capa e Contracapa  
**Nely Rosa**

Supervisão Técnica  
**Adson Pinheiro/Amanda Nogueira**

Catálogo na fonte  
Maria Zuila de Lima CRB/3 – 405

---

S586p Silva, José Borzacchiello da  
Parangaba / José Borzacchiello da Silva.- Fortaleza: [s.n.], 2013.  
80p.

ISBN

1. Bairro Parangaba, Fortaleza (Ce), História. I. Título.

CDD 981.31

---

# **Sumário**

## **Capítulo I**

- Oi, Parangaba! 7
- Todos os caminhos levam à Parangaba 10
- Terminal Parangaba 15
- Terminal Lagoa 17
- A cidade na cidade 18

## **Capítulo II**

- Parangaba: um lugar de lugares 23
- Uma estátua para Iracema em Parangaba 31

## **Capítulo III**

- Festas 37
- Feiras 45

## **Capítulo IV**

- Uma natureza, várias paisagens 49
- Contemplada pela Natureza - A Lagoa 51

## **Capítulo V**

- Entre a memória e o esquecimento: a estação de trem semienterrada 55
- Parangaba: dois lados e um trem no meio 65
- Até logo, Parangaba! Estou indo... 68





# Capítulo I



## Oi, Parangaba!

A primeira impressão é a que fica. A minha foi a melhor possível. Lembro da primeira vez que a Parangaba mostrou-se para mim. Já cheguei ao bairro muitas vezes, perdi a conta. Lembro-me, entretanto, da primeira vez. Trânsito confuso, ausência de controle de tráfego. É hora da passagem do trem de Maracanaú. Tudo parado, ruído de buzinas. Muita gente nas ruas, vendedores ambulantes por toda parte. Profusão de vozes e pregões. Além da beleza da antiga estação do trem, mesmo em seu estado de má conservação, os cheiros de frutas chamavam minha atenção. Imagine me lembrar de um lugar pelo olfato, por seus odores e perfumes. Foi isso mesmo que aconteceu comigo. Na porta do Mercado, em suas imediações e na passagem da via, separando a calçada da Matriz e a Praça Coronel

Alfredo Weyne, os vendedores ofereciam uma variedade de produtos. As frutas atraíram mais minha atenção olfativa. Pela primeira vez vi um cesto de murici com seu cheiro forte característico. Sapoti, rodela de abacaxi presas por tiras de madeira, cajus, mangas, graviolas, mamão, bananas, laranjas, creio que também seriguelas. O aroma do ambiente, a partir dos cheiros exalados das frutas, delineava meu caminho, desenhava o percurso que eu fazia, sem saber direito para onde ia. Os vendedores convivem bem com as insistentes abelhas em volta do cesto. Desferiam golpes certos sobre as frutas. Um pouso aqui, outro ali. Atração fatal pelos açúcares, prenúncio de mel. Não me esquecerei nunca das imagens de uma cumplicidade rara entre vendedores e abelhas. Conviviam tranquilos em território comunitário.

Outra lembrança que me vem à mente é a corrida de meninos vendedores quando da parada dos ônibus, principalmente aqueles de viagens mais longas em direção a outros municípios. Tinham uma desvantagem em função de sua altura. Todos aparentavam a passagem da infância para a adolescência. Ofereciam as mercadorias junto às janelas dos ônibus. Uns prendiam alguns pacotes de biscoito ou de frutas numa haste de madeira e colocavam seu produto à altura do provável consumidor. Ofereciam tudo que podiam. Raramente perdiam uma venda. Insistiam tanto que acabavam convencendo o viajante a se abastecer de

água, sucos, biscoitos, pacotes de plástico vazado, uma espécie de embalagem rendilhada e flexível que se expande quando o produto é colocado. Tinha desses sacos com laranja descascada, maçãs, sapotis e outras frutas. Ofereciam tudo aos gritos. Cheguei a pensar que fosse uma briga e me preveni, com certo cuidado. Coisa de forasteiro, marinheiro de primeira viagem em novas terras. Logo compreendi a cena que presenciava. Essa foi a primeira de uma sequência de vezes que fui ao bairro. Hoje, quando volto, observo e verifico tanta mudança e chego a duvidar de minhas primeiras impressões. Bem diferente dos anos setenta do século passado, agora os ônibus adentram os terminais. Os que fazem as linhas intermunicipais continuam parando. Não há mais aquele frenesi de meninos acoçando os ônibus. Os tempos mudaram!

As relações sociais mudaram muito. Hoje, chego ao bairro, coloco-me diante da Matriz e fico com a impressão que o tempo não mudou. A verdade é que mudou e mudou muito. Um olhar mais atento revela a Matriz mais conservada. O calçadão é moderno, com linhas que destacam a imponência do edifício. Forma uma bela imagem. Minha curiosidade sobre o bairro é muito grande, talvez não caiba nestas curtas palavras. Fiquem tranquilos, pois contarei tudo que sinto e aprendi sobre Parangaba. Tentarei construir uma narrativa fiel de minha experiência com esse lugar tão especial. Espero não frustrar suas expectativas. As experiências são

personais e intransferíveis. Descreverei Parangaba a partir do acúmulo de olhares, registros, opiniões plasmadas em textos e imagens que tenho desse lugar tão especial.

## **Todos os caminhos levam à Parangaba**

Parangaba evoca tempos pretéritos, é uma provocação para nossos sentidos. Diferentes caminhos chegam ao bairro. No percurso, uma profusão de cores, paisagens. A cidade que virou bairro é uma verdadeira cidade. O que falar de Parangaba? É o bairro mais populoso da SER IV, com cerca de 32.840 habitantes. Tem equipamentos modernos e uma das feiras mais antigas de Fortaleza. O bairro tem privilegiada posição geográfica, bastante estratégica em relação à Fortaleza. Em termos culturais, o bairro tem importância, considerando sua diversidade histórica e cultural.

Pode-se afirmar que o bairro tem e teve praticamente todos os serviços necessários ao bom funcionamento de um bairro equipado, de fundamental importância para circulação e conexões necessárias ao crescimento de Fortaleza. Os bondes chegaram à Parangaba e significou a integração com a cidade através da linha Benfica. Durou pouco. Entretanto, logo depois, o bairro conheceu o serviço de ônibus que facilitou muito a ligação com a área central de Fortaleza.

A Companhia Ferro Carril de Arronches (Porangaba depois Parangaba) foi fundada no dia 18 de outubro de 1894 por uma sociedade anônima que depois passou para a firma Gondim & Filhos. A linha de bonde, de tração animal, ligava Parangaba ao Benfica e foi desativada no dia 1º de setembro de 1918. A linha possuía horários regulares de segunda a domingo e, nos dias santificados, havia um horário extra às 9 horas da noite, partindo do Benfica.<sup>1</sup>

Parangaba é ponto de convergência de grandes avenidas e está cortada por importantes corredores comerciais, como a Via Paranjana, as Avenidas Augusto dos Anjos, João Pessoa, José Bastos, Osório de Paiva, Cônego de Castro, Godofredo Maciel, dentre outros. Possui a segunda maior emergência do Estado do Ceará, o Hospital Frotinha de Parangaba (Hospital Distrital Maria José Barroso de Oliveira), que realiza uma média de 16 mil atendimentos por mês. Tem também o Instituto de Medicina Infantil. O bairro tem autonomia, verdadeira personalidade de lugar inconfundível. Guarda reminiscências seculares e se ajusta às inovações técnicas dos tempos modernos. Em Parangaba, à disposição dos interessados, sempre tem muito o que ver e sentir. A centralidade histórica do bairro continua sendo a Praça Coro-

---

<sup>1</sup> Almanaque do Ceará In: [www.cepimar.org.br](http://www.cepimar.org.br). Apud. LOPES, Francisco Clébio Rodrigues, *A Centralidade da Parangaba como Produto da Fragmentação de Fortaleza (CE)*. Dissertação submetida ao PPG Geografia da UFC, Fortaleza, 2006.

nel Alfredo Weyne, com a igreja do Bom Jesus dos Aflitos. Quando esse logradouro tradicional do bairro é comparado com outros em sua proximidade, denota-se certo esvaziamento comercial. Entretanto, essa porção do bairro expressa com vigor sua densidade histórica. O comércio do bairro, em seu conjunto, é pujante em áreas adjacentes à praça, tirando vantagem dos cruzamentos de grandes avenidas que favorecem a afirmação comercial. Os centros comerciais de grande porte, ainda em construção, preveem salas de cinema, o que deverá devolver opções de entretenimento e programas culturais para o bairro e sua vasta área de influência.

A orientação do olhar segue várias direções. Com aromas e ruídos variados, Parangaba é e permanece provocativa. Da janela do ônibus, do metrô ou do carro, descortinam-se paisagens variadas. Do metrô, logo no início da elevação do viaduto, em qualquer direção, sinais de mudanças na paisagem. O bairro com sua igreja, a praça dos encontros domingueiros transforma-se. São edificações que recortam o céu, fragmentam o horizonte. Torres de apartamentos, grandes centros comerciais e uma profusão de automóveis, motocicletas e ônibus. Aqui e ali uma carroça preguiçosa emperra o trânsito e confirma a permanência de tempos diferenciados nesse bairro da cidade. Andando por suas ruas, deparamo-nos com o tradicional e o moderno, o convencional e o inusitado. Realiza-se um exercício de observação de paisagem quando

uma sucessão de imagens permite diferentes leituras e interpretações de Parangaba.

É verdade que todas as vias levam à Parangaba. Dependendo do caminho, você vê uma faceta do bairro. São tantos os acessos quão variados os destinos dos que para lá se dirigem. Os que chegam pela Avenida Augusto dos Anjos encontrarão sempre um bairro dinâmico, com o Terminal Lagoa de Integração de linhas de ônibus apinhado de gente, largas avenidas e comércio disperso, com domínio de grandes supermercados. Motos, carros, caminhonetes de entrega, pessoas com pacotes, bolsas ou caixas cheias de compras. Ônibus cruzam em todas as direções. Indo a pé pelo calçadão da Lagoa, chega-se ao viaduto e à pracinha da igreja, atualmente, em péssimo estado de conservação. Bem arborizada, a Praça é ponto de reunião, uma referência para um rápido descanso. Nos finais de semana, sobretudo aos domingos, há a animação dos salões de barbeiro. As cadeiras antigas perfiladas aguardam os candidatos ao corte de cabelo. Na parede com pintura envelhecida, a tabela de preços explica a razão de tanto movimento. Atravessando a linha do trem no sentido oeste/leste, chega-se ao Terminal Parangaba. O movimento é intenso. Um entra e sai de ônibus. Operações conturbadas de transbordo. São frequentes as brigas, os pequenos furtos ou outras perturbações. Todos parecem ter muita pressa. A Estação suspensa do metrô Parangaba eliminou

a necessidade do uso dos trilhos. As escadas rolantes emprestam um ar de luxo. A Estação grandiosa condiz com a reputação do bairro. O antigo Terminal de Cargas que utilizava o Ramal Parangaba-Mucuripe agora dá lugar às obras para a instalação de nova linha para o Veículo Leve sobre Trilhos, o VLT, que deverá oferecer serviço de transporte de passageiros até o Mucuripe. Na Estação Terminal Parangaba haverá integração com os sistemas metroviário (Estação Parangaba) e rodoviário (Terminal de Integração Parangaba). Nas imediações das estações do metrô e VLT, um enorme shopping center, prestes a ser inaugurado, é promessa de intenso movimento e alterações na paisagem urbana do bairro. Na outra extremidade, ocupando parte da área do antigo Jockey Club, outro shopping center em fase final de construção. Esse quadro dinâmico comprova o momento de transformações rápidas que o bairro vem atravessando. O mercado de terras é cada vez mais competitivo. Muitas construções, presença de empresas que até então só atuavam nas áreas nobres de Fortaleza. A exemplo dos dois shoppings centers em construção, o bairro conta com várias indústrias desativadas. Muitas estão em estado acentuado de abandono, sendo, não raro, invadidas por desocupados ou usadas para deposição de entulho e lixo. Algumas dessas indústrias davam visibilidade à Parangaba e garantiam a fama de bairro industrial. Destaca-se a Usina Evereste, na Avenida João Pessoa, a IASA, antiga Fábrica de Azulejos, entre outras.

Parangaba recebe a todos. O bairro mantém vínculos com toda a cidade e parte expressiva do espaço metropolitano. Todos os caminhos levam à Parangaba, daí sua condição de ponto de passagem, local de apoio, lugar de encontro.

Os dois Terminais Integrados de Transporte comprovam a importância do bairro e reforçam seu papel de local de encontro e passagem para várias direções. Basta, para isso, conferir o número de linhas servidas pelos dois terminais:

## **Terminal Parangaba**

Localizado na Avenida Pedro Ramalho, nº 130 - Telefone: 3452-9352 (Regional IV), Parangaba - Telefone: (85) 3452-9352 - Inauguração: 07 de agosto de 1993.

Frota operante: 361.

Viagens programadas por dia: 3.774.

Demanda transportada por dia: 207.333.

Linhas de ônibus: 46.

Serviços Oferecidos: 01 posto de atendimento ao estudante; 02 postos de saúde; caixa rápido (Caixa Econômica Federal e Banco do Brasil); 01 lotérica; 10 lanchonetes; 22 lojas de variedades; 04 lan houses; 01 farmácia popular.

Relação das linhas que operam no Terminal Parangaba:

029 - Parangaba/Náutico; 034 - Corujão/Av. Paranjana 1; 035 - Corujão/Av. Paranjana 2; 036 - Corujão/Conjunto Ceará/Papicu/Montese; 038 - Parangaba/Papicu; 040 - Parangaba/Lagoa; 041 - Av. Paranjana 1; 042 - Av. Paranjana 2; 044 - Parangaba/Papicu/Montese; 048 - Corujão/Parangaba/Papicu; 062 - Corujão/Conjunto Esperança; 063 - Corujão/Bom Jardim; 066 - Parangaba/Papicu/Aeroporto; 070 - Clube de Regatas/Parangaba; 077 - Parangaba/Mucuripe; 080 - Francisco Sá/Parangaba; 090 - Corujão/Montese; 095 - Corujão/Conjunto Professor José Walter; 307 - Itaoca/Jardim América; 309 - Conjunto Sumaré/Parangaba; 311 - Castelão/Parangaba; 312 - Dias Macedo/Parangaba; 313 - Parangaba/Alto da Paz; 315 - Messejana/Parangaba; 317 - Cidade Nova/Parangaba; 319 - Parque São José/Osório de Paiva; 321 - Jardim União/Parangaba; 339 - Conjunto Veneza Tropical/Mirasol 1; 340 - Conjunto Itaperi; 344 - Vila Betânia/Parangaba; 347 - Conjunto José Walter/Parangaba/Av. L; 349 - Conjunto Veneza Tropical/Mirasol 2; 353 - Parangaba/Parque Veras; 359 - Santa Tereza; 361 - Vila Manoel Sátiro 1; 362 - Vila Manoel Sátiro 2; 369 - Parque Santa Rosa/Parangaba; 371 - Parangaba/Centro/Expresso; 375 - Aracapé/Parangaba; 377 - Conjunto José Walter/Parangaba/Av. J; 379 - Conjunto Esperança/Parangaba; 390 - Av. João Pessoa; 395 - Sítio Córrego/Parangaba; 401 - Montese/Parangaba; 403 - Itaoca/Expedicionários; 456 - Planalto Ayrton Senna/Parangaba; 466 - Arvoredo/Parangaba.

## Terminal Lagoa

Localizado na Avenida Gomes Brasil, nº 550. Localização: Bairro Parangaba/Lagoa (Regional IV) – Telefone: (85) 3452-9351. Inauguração: 03 de julho de 1993.

Frota operante: 177.

Viagens programadas por dia: 1.904.

Demanda transportada por dia: 101.697.

Linhas de ônibus: 25.

Serviços oferecidos: 08 lanchonetes; 01 lan house; 05 lojas de variedades.

Relação das linhas que operam no Terminal Lagoa: 034 - Corujão/Av. Paranjana 1; 035 - Corujão/Av. Paranjana 2; 036 - Corujão/Conjunto Ceará/Papicu/Montese; 040 - Parangaba/Lagoa; 041 - Av. Paranjana 1; 042 - Av. Paranjana 2; 043 - Conjunto Ceará/Lagoa; 045 - Conjunto Ceará/Papicu/Montese; 046 - Corujão/Conjunto Ceará; 047 - Corujão/José Bastos/Genibaú; 069 - Via Expressa/Lagoa; 090 - Corujão/Montese; 304 - Bela Vista/Lagoa; 308 - Demócrito Rocha; 318 - Av. Lineu Machado; 320 - João XXIII/Centro; 322 - Granja Portugal 1; 323 - João XXIII/Lagoa; 332 - Siqueira/Lagoa; 350 - Av. José Bastos; 351 - Jóquei/Bonsucesso; 352 - Bonsucesso/Jóquei; 356 - Genibaú/Lagoa; 394 - Parque Universitário; 411 - Montese/Lagoa<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> Disponível em: <http://www.fortaleza.ce.gov.br/turismo/linhas-urbanas>.

Acesso em: 22 ago. 2013.

Essa quantidade de linhas e ônibus comprova a capacidade da Parangaba em estabelecer vínculos e conexões com praticamente toda a Fortaleza.

O número de veículos nos terminais comprova a excepcional dinâmica do bairro. Cientes da expressão histórica de Parangaba como local de entroncamento e de transbordo, grandes estabelecimentos chegam, confiantes que os fluxos diários de passageiros representam a garantia de consumidores transitando e comprando nos corredores comerciais, praças de alimentação. Essa capacidade do bairro contribui com a qualidade de vida na cidade. Enquanto ponto de triagem, Parangaba impede que muitos se desloquem para outros pontos da cidade em transportes públicos e privados, congestionando ainda mais o já complicado trânsito de Fortaleza e aumentando o tempo dos deslocamentos.

## **A cidade na cidade**

Parangaba é um mundo à parte. Já foi cidade independente. Nos estudos especializados, considera-se que a fragmentação urbana ocorre por prolongamentos territoriais distintos que, habitualmente, são chamados de bairros. Nesse caso, acata-se o bairro como mera subdivisão

do espaço, espécie de geometria territorial ou mesmo mais uma parte de um todo no conjunto da extensão da cidade. Parangaba possui características de bairro e, ao mesmo tempo, assume ares de cidade. Sua inserção na malha urbana cearense e de Fortaleza é marcada por uma trajetória invejável. Os primeiros colonizadores definiram bem o sítio e a localização de Parangaba, onde construíram as condições mínimas para a fixação e a permanência de um projeto de longa temporalidade. As condições físicas não podiam ser melhores. Local alto, arejado e aprazível – reunião de elementos fundantes para o sucesso da ocupação. As condições ambientais eram favoráveis à fixação: água abundante, cobertura vegetal com garantia de madeira, palha, lagoas límpidas e piscosas. O pequeno núcleo vingou, tomou corpo e ocupou seu lugar na hierarquia de bairros de Fortaleza. Parangaba, entretanto, é mais que um lugar comum. Vista em conjunto, ocupa um território que se estende em várias direções. Um olhar mais atento permite verificar a riqueza de detalhes que o bairro possui e as facilidades que oferece aos seus moradores e usuários de outros bairros da cidade. Tem de tudo, da pequena bodega ao supermercado de grande porte. Poucos bairros de Fortaleza mereceram tanta atenção dos estudiosos. São muitos os que se aventuraram a descobrir esse universo reunido num único local. São poucos os bairros que possuem personalidade, que construíram um perfil que permite sua identificação. Intelectuais, professores, alunos, visitantes falam

do bairro, registram impressões sobre esse lugar-cidade, inscrito na complexa tessitura de Fortaleza. Dos vários que se dedicaram à historicidade desse bairro, a maioria destaca as palavras de Emílio Moitas, que assim se refere ao bairro no seu texto *Breve História da Parangaba*:

Parangaba, Vila Nova de Arronches, Parangaba. Três nomes, um só lugar que encerra, nas suas tradições e memórias, o passado que remonta aos tempos da colonização lusitana em 1603. Para o autor, Parangaba (tupi-guarani significa beleza, formosura...), situada nas margens da lagoa do mesmo nome, foi um dos mais antigos povoados do Ceará, o chamado aldeamento indígena de Parangaba, que os jesuítas fundaram no séc. XVIII. A vila foi criada a 26 de maio de 1758 e inaugurada a 25 de outubro de 1759, passando a chamar-se Arronches (Vila Nova de Arronches). Durante o império foi município, com intendente e Câmara, ao longo de 112 anos divididos em dois períodos: 1759 a 1835 e de 1885 a 1921. Anexada à Fortaleza, integra um dos seus mais importantes distritos.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Disponível em: [www.paroquiabomjesusdosafritos.org.br/historia.thm](http://www.paroquiabomjesusdosafritos.org.br/historia.thm).

Acesso em: 16 ago. 2013.

Passar por três denominações e não perder a identidade. Isso é Parangaba.

O bairro tem marcas fortes de seus moradores, tem temporalidades distintas contidas em sua trajetória na cidade. Um bairro, como é o caso de Parangaba, apresenta-se no contexto da cidade como um lugar marcado por complexos feixes de sociabilidades construídos e fortalecidos nas relações cotidianas de seus moradores. A instituição de um lugar e seu reconhecimento como bairro pressupõe limites conferidos pelos que, diuturnamente, garantem-lhe vida e dinâmica. Quando um bairro ultrapassa as fronteiras dos laços de vizinhança, ele adquire maior vitalidade e reconhecimento, provocando, em certos casos, posturas de proteção e de vigilância em relação aos outros, os de fora que optaram em fazer do bairro, um espaço de referência. É o caso de Parangaba, que nessa condição tem ganhos e perdas.

Quando um bairro ganha reputação e visibilidade, seus limites tornam-se flexíveis, formando um todo ligeiramente homogêneo, como é o caso de Parangaba. Quantas cidades cearenses são maiores que a Parangaba? Não se pode e não se deve medir a importância de bairros e cidades a partir do número de habitantes. Em Parangaba, além de seus moradores, há a população flutuante, ou seja, aquela que se dirige diariamente ao bairro em busca de seu comércio e

de seus serviços. Sobre a variedade de comércios e serviços que são ofertados pelo bairro, assim descreve Lopes (2006)<sup>4</sup>:

Na área central, em torno da Igreja do Bom Jesus dos Aflitos (igreja matriz), o núcleo histórico encontra-se densamente ocupado com lotes de pequenas testadas e grande profundidade. Ao longo de sua principal via, rua Sete de Setembro, as edificações são ocupadas pelas residências, comércio e serviços bancários e de utilidade pública. Encontra-se nessa rua a principal área comercial do bairro e, em suas imediações, o comércio atacadista representado pelos armazéns. Estão localizados ali também o Mercado Central de Parangaba (FOTO 1), pequenas lojas de variedades, equipamentos urbanos (Centro Social Urbano), farmácias, bancos (BRADESCO, Caixa Econômica Federal e Banco do Brasil), Central de atendimento da COELCE, CAGECE e SEFAZ, Correios, lanchonetes, estacionamento e o Cartório de Registro Civil.

---

4 LOPES, Francisco Clébio Rodrigues. *A Centralidade da Parangaba como Produto da Fragmentação de Fortaleza (CE)*. Dissertação submetida ao PPG Geografia da UFC, Fortaleza, 2006.



## Capítulo II



### Parangaba: um lugar de lugares

A diferença entre os lugares não se mostra com tanta facilidade. Seus conteúdos estão entranhados em múltiplas relações fugidias que a imagem em si não dá conta, em se tratando de interpretação e análise. Imagem e paisagem se confundem. Em Parangaba, tempo, clima, imagem e paisagem criam variadas composições que podem aumentar ou diminuir os desejos de adentrar aos diferentes lugares que o bairro oferece e suas possibilidades de interpretação. Dia e noite, o sol escaldante e o frescor das tardes que convidam para uma saidinha e, ainda em Parangaba, uma conversa nas calçadas. Muitos preferem os corredores dos centros comerciais ou o burburinho das lanchonetes de *fast food*, dos bares com coxinhas, pastéis e caldo de cana.

A paisagem cambiante do bairro segue as regras das estações do ano. Aqui no Ceará, só temos duas: sol e chuva ou sol e chuva. Nas manhãs invernosas, a lagoa encoberta de neblina dá um show de luz e sombra. As perspectivas se alternam com continuidades ou rupturas da paisagem. Todos os aviões cruzam Parangaba. O bairro há muito habituou-se à presença de aeronaves. Localiza-se entre duas pistas históricas da Segunda Guerra Mundial: a do Pici e a do Cocorote. A importância de se compreender a estruturação da Parangaba e dos bairros do entorno remete ao bairro do Pici, explicativo quando se refere ao matadouro da cidade.

Esta área fica localizada na região Oeste da Cidade de Fortaleza, era constituída por sítios, dentre os quais se destacavam o Sítio Pici, Sítio Ipanema, Sítio do Papai e o Terreno das Irmãs do Asilo de Parangaba e Base Aérea dos Americanos. Na década dos anos 40, período da Segunda Guerra Mundial, os Americanos escolheram essa área para instalarem um Posto de Comando e construíram um Aeroporto com toda a estrutura preparada para guerra. Daqui saíam os aviões para bombardearem os países não aliados, havia também uma torre para pouso do Zepelim.

Na década de 50, foi feito o loteamento das terras onde se localizavam os Sítios. Os americanos haviam se retirado e as terras da Base ficaram sobre

a vigilância da Aeronáutica. Em 1958, algumas famílias ocuparam os “paióis” ou casamatas locais onde eram camufladas as munições do Exército Americano. Surgem, nessa época, os Bairros Pan Americano, Pici, Ipanema, Antônio Bezerra e Casa Popular, que foi o primeiro conjunto habitacional construído em Fortaleza, hoje é o Bairro Henrique Jorge. O único caminho que interligava esses bairros era a estrada de Antônio Bezerra, devido à passagem de gado que vinha da região Norte para o Matadouro de Gado de Fortaleza, que ficava no Montese, onde hoje se localizam os colégios Paulo VI e Filgueiras Lima. Com o crescimento do Montese, o Matadouro passou para a Parangaba e criou-se a Estrada do Pici.<sup>5</sup>

Quanto ao Cocorote, é o atual aeroporto de Fortaleza, o Aeroporto Pinto Martins. Essa geografia de Parangaba e seu entorno ofereceu condições para a construção de duas pistas, que desempenharam papel estratégico durante a Segunda Guerra Mundial. O texto sobre as origens do bairro Pici refere-se, inclusive, à presença de uma torre para pouso de zepelim. O bairro acostumou-se com os ruídos dos motores. Nas operações de aterrissagens, quando o avião fica muito próximo do solo, é difícil não olhar para

---

<sup>5</sup> Disponível em: <http://www.bairroantoniobezerra.com.br/BAB/modules/soapbox/print.php?articleID=88>. Acesso em 23 ago. 2013.

o alto e acompanhar sua trajetória. Já ouvi depoimentos de moradores do bairro que disseram que quando crianças brincavam um jogo de apostas para saber de que companhia seria o próximo avião. Disseram que pelas cores das aeronaves sabiam a qual companhia pertencia. A convivência com a aviação é histórica. Na Parangaba, muitos olham para cima para ver aquele objeto enorme prestes a alcançar a terra. Do alto, são os da terra que retornam, turistas e forasteiros que veem o bairro à medida que se aproximam do término da viagem. É impossível não descortinar as belezas da Parangaba. O avião vai se aproximando do solo, a paisagem vai crescendo, definindo formas. Automóveis e ônibus são vistos nas ruas. Na rota, a maioria dos voos parece cortar a Lagoa ao meio. Do alto, a imagem é magnífica. Tudo arrumadinho, cada coisa em seu lugar, uma perfeição. Quando se aproxima do Aeroporto Pinto Martins, a panorâmica do bairro é espetacular. A Lagoa circular engana os incautos que pensam em mar. Um olhar mais crítico possibilita mais acuidade na observação. O visto e o observado dependem de quem vê, de seu conhecimento dos sistemas de significado e códigos contidos nas paisagens observadas e imagens retidas. A observação do real resvala por interpretações carregadas de teor ideológico, conforme a intenção do observador. Entretanto, paisagem/imagem possuem conteúdos capazes de provocar repulsa ou encantamento diferenciado de sua composição estética e dos referenciais do observador.

A aparência pode ser enganadora. O todo arrumadinho do alto não revela a fragilidade do saneamento básico, o descuido com a Lagoa, a coleta de lixo deficiente, entre outros problemas. Ao emaranhar-se pelas ruas e avenidas da Parangaba, o bairro mostra-se na sua essência, complementa o pouco revelado em sua aparência. A maior lição na constatação da diferença entre os lugares aparece na composição dos mosaicos que formam quadras e setores de um bairro que, quando revelado na experiência dos que vivem os lugares intensamente, garante dinâmica e identidade. A Parangaba reúne essa multiplicidade de lugares num só lugar, que se apresenta numa interescalaridade que faz o bairro ser visto ao mesmo tempo como uma pequena vila, com sua feira dominical e seu Mercado, ou mesmo uma cidade com intenso fluxo de veículos, pessoas e mercadorias. Seu porte urbano garantiu sua inserção na malha da cidade. O bairro recebeu melhorias e também hospitais, fábricas e outros serviços. Na Parangaba funcionava o *Azylo de Alienados de Fortaleza*, hoje conhecido como o Hospital Psiquiátrico, que funcionava na Av. Carneiro de Mendonça, nas imediações da Av. João Pessoa.

Construído em 1886, o Asilo de Alienados São Vicente de Paula atendeu a uma ampla demanda correspondente a toda a província do Ceará. Localizado no distrito de Porangaba, inicialmente

denominado de Arronches, ele representava um lugar estratégico, pois o distrito representava uma *ponte* entre Fortaleza e o Sertão. A questão da espacialidade da construção do asilo torna-se uma problemática importante a ser destacada para analisarmos as redes de relações sociais da época.<sup>6</sup>

Parangaba é tudo isso e muito mais. Bairro situado na zona sul de Fortaleza, tornou-se referência. Considerado como lugar de excepcional centralidade, é próximo de vários equipamentos e serviços importantes da cidade, é considerado um local agradável, com muito verde e as amenidades de uma belíssima lagoa. Entretanto, nem sempre foi assim. Parangaba já foi um lugar negado, conforme Leal (1978, apud Barbosa<sup>7</sup>), que assim se refere ao abate de reses:

O exame do gado abatido diariamente na capital era a obrigação mais espinhosa do 'doutor', porque o obrigava a caminhar até o matadouro, geralmente, bem fora do perímetro urbano. A câmara fornecia o animal de transporte, mas a hora do abate, à tarde, não convidava muito o passeio às proximidades de Parangaba.

---

6 Disponível em: <http://artigos.psicologado.com/psicopatologia/saude-mental/asilo-de-alienados-sao-vicente-de-paula-no-ceara-do-seculo-xix-entre-fontes-e-teoria>. Acesso em: 24 ago. 2013.

7 Disponível em: LEAL, V.B. *História da Medicina no Ceará*. Fortaleza. Secretária de Cultura, Desporto e Promoção Social, 1978 Apud Barbosa. J.P. *História da Saúde Pública do Ceará*. Fortaleza. Edições UFC, 1994, p.46.

Malgrado a desventura de algumas localizações, no saldo geral, o bairro teve e tem muitas vantagens. Antes de mais nada, Parangaba conta com um recurso hídrico de forte potencial paisagístico que compõe variados cenários, dependendo do ângulo em que se está. A Lagoa empresta uma aura ao bairro, inclusive na formação de imagens dos reflexos, que se alteram conforme a mudança do perfil do bairro. As formas urbanas refletidas no espelho da imensa Lagoa de Parangaba garantem singularidade àquele lugar. Por menor que seja o movimento das águas, as formas agora deformadas ou em ritmo repetitivo oferecem uma experiência sensorial sem igual. Junte ao conjunto das imagens refletidas, cores, odores, sons e logo a sensação aumenta, provocando diferentes reações. A imagem formada no espelho da Lagoa, dependendo da localização do observador, revela variações em torno de um bairro múltiplo e único.

Parangaba é dominada por casas, muitas ainda com jardim e quintal. O arruamento é agradável. Muitas ruas facilitam a mobilidade dos que atravessam ou que a elas se dirigem, oferecem muitas vantagens locais, como a proximidade com o Aeroporto Pinto Martins, com os três campi da UFC – Universidade Federal do Ceará (Pici, Benfica e Porangabussu), com o da UECE – Universidade Estadual do Ceará (Itaperi), Universidade da Grande Fortaleza e Universidade Estácio de Sá. Conta com grandes

supermercados e no momento dois grandes shoppings em fase de acabamento de sua construção, além do Maraponga Mart Modas, também em suas imediações. O que faz Parangaba diferente é que o bairro tem ruas estreitas e largas, grandes avenidas, recantos inesperados e clima agradável, com uma brisa que ondula as águas da Lagoa. Consegue ser bairro residencial, comercial e de serviços. Lá tem tudo, do pequeno ao grande supermercado. Nas ruas menos movimentadas, o pequeno comércio garante ao bairro a aura de cidade do interior. Nas grandes avenidas, um comércio rico e variado atende às necessidades, mesmo dos mais exigentes. Na verdejante Praça Coronel Alfredo Weyne e suas imediações, os serviços mais especializados. O bairro é valorizado por seus moradores, que falam sempre com orgulho de suas qualidades. Destacam, especialmente, o fato de conservar elementos de cidade do interior em suas relações de vizinhança e na tranquilidade de muitas de suas ruas. À tardinha, é comum encontrar vizinhos sentados em suas cadeiras na calçada, "jogando conversa fora". Ainda existe a tranquilidade das ruas, a vigilância permanente dos vizinhos, que se cumprimentam e demonstram conhecimento mútuo e intimidade. Essa quietude não está presente em todas as ruas, pois muitas são dominadas pelo anonimato dos moradores, que se desconhecem uns aos outros. As torres de apartamentos trazem consigo um novo modo de morar. Os que nelas habitam, têm seus automóveis, estabelecem relações diferentes com o bairro na fricção das distâncias.

Há muita diferença entre o deslocamento a pé, ainda bem frequente no bairro. As bicicletas insistem em competir com as motos, que estão em número superior. O automóvel provoca a formação de congestionamentos nos cruzamentos mais importantes. No meio do burburinho, a Praça com a Igreja e a Lagoa confirmam a condição de serem os principais espaços de sociabilidade dos moradores do bairro. Aos domingos o bairro experimenta um movimento bem diferente. É dia da Feira dos Pássaros, que empresta uma dinâmica especial ao bairro.

## **Uma estátua para Iracema em Parangaba**

Não podemos esquecer que a palavra Parangaba, em tupi-guarani, significa beleza, formosura. Em meio ao encantamento da paisagem e às lembranças da virgem dos lábios de mel, de José de Alencar, a Parangaba de hoje lembra um grande canteiro de obras, umas em fase de conclusão, outras ainda na fase inicial. São torres de apartamentos, estação de VLT, conclusão da linha do metrô, shopping centers, novas avenidas, alargamentos de outras. O bairro ansioso aguardava a hora da retomada.

É bem verdade que Parangaba sempre foi polo dinâmico da cidade, entretanto, a fase que o bairro atravessa

com novos investimentos, dá-se noutras bases. No início dos anos noventa foram construídos os Terminais de Transporte de Parangaba e Lagoa. Essas duas partes separadas constituíam polaridades distintas e já indicavam um dinamismo diferenciado em relação aos bairros do seu entorno.

A conjunção metrô, VLT, *shopping center* faz da Parangaba um bairro excepcional de triagem para aqueles acostumados a se dirigir para o centro da cidade ou para bairros mais equipados. Cabe salientar que associado à presença de universidades, colégios, hospitais, clínicas, comércio e indústrias instaladas e em funcionamento, as imediações desses equipamentos conjugados deverão provocar intenso fluxo e refluxo de pessoas, capitais e mercadorias. Parangaba, em termos institucionais, ocupou diferentes situações, já tendo sido cidade independente.

Na literatura, a descrição da Parangaba de outrora não faz jus às loas que hoje cantamos. Em seu romance "O Simas", editado em 1898 pelo Centro Literário, Papi Júnior, apud OLIVEIRA (2000)<sup>8</sup>, assim descreve a villa.

A villa parecia deshabitada, sem rumores nem bulícios. Ouvia-se, apenas, guinchar o carretel da cacimba ao peso da corrente do balde, em frente

---

8 OLIVEIRA, Caterina de Saboya. *Fortaleza, seis romances, seis visões*. Fortaleza. Edições UFC, 2000, p. 151 – NA. Foi mantida a grafia original, conforme o livro citado.

ao cruzeiro, onde mulheres agrupadas enchiam os potes, descansadamente, deixando ver os seios nús pela queda das camisas sujas; por trás da sacristia resfolgava um cavallo esquelético, entregue ao seu próprio destino, a babujar, sacudindo com as farripas da cauda as moscas que o atazanavam.

No centro da praça, a igreja dominava branqueada de novo; os dois campanários mostravam das janellas em arco nos sinos pendurados, e as do côro, o travejamento dos tectos despídos de foros. O cruzeiro tinha sido pintado de fresco. Na grande cruz alçada no topo de alvenaria, complicada dos instrumentos symbólicos do martyrio – escadas e esponja, pregos e martello, cordas e sudario – rebrilhava o verde escuro da tinta, dentro do gradil eriçado de hastes do feitio de lanças.

De um lado e de outro visinhavam-se casas de portas fechadas, num silencio profundo. No céu, nenhuma nuvem: o azul longinquo do infinito concavo illuminava-se todo aos reflexos do sol escaldante daquelles ultimos dias de Novembro.

Além para o poente, os verdes da folhagem confundiam-se com os amarellecidos, e mais perto, para a direita, alongavam-se terrenos sem vegetação, pedaços em secco da lagoa, onde o sol levantava vaporizações subtis.

O texto de Papi Júnior destaca a igreja no contexto do bairro. O interessante é que além da descrição o autor percebeu e refere-se à lagoa, indicando a importância que ela adquire na composição do bairro.

Admitimos que o bairro mudou muito, distanciando-se das descrições do famoso escritor. Logo Parangaba conheceu melhorias urbanas e tornou-se privilegiada por sua localização. Entretanto, malgrado todas as melhorias, e ao contrário de outros bairros tradicionais da cidade, Parangaba não é reconhecido oficialmente como local turístico, mesmo apresentando rico potencial paisagístico e uma variedade de atrações popularmente aceitas e reforçadas pela expressão do fluxo que elas geram. Não possui também equipamentos culturais de grande porte capazes de atrair a população de Fortaleza. Em suas imediações, tem a Estação das Artes, antiga estação do trem da Estrada de Ferro de Baturité. O Bar do Avião<sup>9</sup> e a Casa do Português. Muitos poderão dizer da não excepcionalidade dessas atrações. Querendo ou não, elas aguçam a curiosidade dos nativos

---

9 Da cadeira de balanço, na varanda, seu Odacir Natalence Lemos, 76, observava o início das obras de restauração do Bar Avião, localizado na Avenida João Pessoa, na Parangaba. Ontem, uma parede externa à estrutura principal foi abaixo para reconstrução. “É como se um pedaço de mim caísse junto”, interpretava o homem cuja história (“desde a infância”, como gosta de frisar) é contada pelos dias de glória do bar, fundado na década de 1930.

Disponível em: <http://www.opovo.com.br/app/opovo/cotidiano/2013/08/02/noticiasjornalcotidiano,3103701/comeca-restauracao-do-bar-aviao-na-parangaba.shtml>.

Acesso em: 19 set. 2013.

e dos turistas. Uma política cultural bem conduzida poderia zelar pelo estado de conservação desses equipamentos e explorar a capacidade deles no processo de formação de público, mesclando os turistas com o povo da terra.

No plano da aparência, o bairro de hoje apresenta feições e perfis bem diferentes, pouco identificados com seu passado recente. Parangaba é famosa pelos banhos de Iracema. Um fato pitoresco vale ser ressaltado e diz respeito ao escritor José de Alencar, que em seu livro "Iracema" refere-se a várias lagoas, inclusive à da Parangaba.

As lagoas são privilegiadas no romance. Algumas apresentam qualidades especiais e também expressam o estado de espírito de Iracema. Em Parangaba, na lagoa da beleza, da formosura, a virgem, renovava sua beleza.<sup>10</sup>

É hora de se rememorar a imagem de Iracema no bairro! A beleza da Lagoa e o peso que ela adquire nos perfis do bairro são fortes componentes no contexto de progresso que o bairro atravessa. A compartimentação do relevo em função do sítio urbano garante uma localidade com feições diferenciadas. O bairro se apresenta como um enorme canteiro de obras. São muitas as expectativas dos

---

10 SILVA, J.B. *Os lugares de Iracema*. IN: Iracemas - imagens de uma lenda, Fortaleza, Barbarela B. Comunicação e Marketing, 2006, p. 59/69.

moradores e usuários da Parangaba. Conhecido pelo Sesi, que atua nas áreas de saúde, educação e lazer (Av. João Pessoa, 6754 - CEP 60425 682, pelo Ginásio Poliesportivo - local de realização de campeonatos de futsal, vôlei e festas comunitárias, o dinamismo atual faz com que o bairro adquira novas características. A demolição do edifício do Jockey Club e o desmembramento da enorme área onde ocorria disputadas corridas de cavalo, deu lugar ao Hospital da Mulher e à construção de shopping center, quase concluído, e de torres residenciais, em fase de lançamento. Essas obras garantem uma certa elasticidade ao bairro de Parangaba, permitem flexibilidade ao emprego do conceito de Parangaba, bairro que goza de prestígio em função das mudanças que vêm conhecendo. Hoje muitos chamam de Parangaba o bairro propriamente dito, e os demais que ficam no seu entorno. Esse conjunto é denominado de "Grande Parangaba". O bairro tem que ser tratado também sob essa ótica, para não se incorrer no risco de não apreendê-lo e compreendê-lo. Essa perspectiva escalar é fundamental. Muitos se referem ao bairro, restringindo-se aos seus marcos históricos mais conhecidos. As conversas e depoimentos não vão além da Praça da Matriz, do Mercado e da Lagoa. Aliás, a Lagoa é recorrente em qualquer depoimento.



## Capítulo III



### Festas

A festa adquire dimensão e sentido conforme a comunidade onde ela se realiza. A festa provoca uma ruptura na rotina dos cidadãos, habituados ao corre corre do cotidiano. A festa altera a paisagem, cria cenários, gera ruídos, profusão de vozes, odores, perfumes. A festa se institui na sociedade como necessidade. A parada programada quando findam as obrigações e começam as brincadeiras, os risos, os jogos, a quermesse. Em Parangaba, acontece uma das festas populares mais antigas de Fortaleza, uma manifestação cultural que data dos tempos em que o bairro ainda era um aldeamento indígena e tinha o nome de Porangaba. Trata-se da Festa dos Caboclos.

Não se sabe ao certo quando a famosa Festa dos Caboclos começou, mas vem desde quando a Porangaba (nome original da área) era um aldeamento

indígena. Segundo o historiador e mestre em preservação do patrimônio cultural, João Paulo Vieira, a celebração consistia na peregrinação de uma coroa de espinhos – feita de ferro –, doada pelo padre Francisco Pinto, um dos primeiros jesuítas a chegar ao Ceará. “É algo muito antigo e começou porque essa região era povoada por diferentes tribos indígenas. A festa foi criada para unir, era um sinônimo de paz”, informa o padre Jovanês Vitoriano, há um ano à frente da paróquia Bom Jesus dos Aflitos. Segundo o padre, a peregrinação envolvia outras cidades, como Maranguape e Viçosa do Ceará. Como era feita a cavalo ou a pé, a manifestação durava meses. Durante o percurso, donativos eram recolhidos para a Igreja. Atualmente, a Festa dos Caboclos é chamada de Festa da Coroa de Bom Jesus dos Aflitos. Ela acontece, anualmente, entre os meses de setembro e janeiro. A coroa de ferro passa por diferentes capelas da região e volta à igreja matriz no dia 23 de dezembro, quando sobe de volta ao altar e é postada acima da imagem de Jesus Cristo.<sup>11</sup>

Na cidade, vivemos no bairro a verdadeira expressão do que somos, do que fazemos e sentimos. O bairro nos envolve de tal maneira que se torna difícil viver sem ele.

---

11 Disponível em: <http://www.opovo.com.br/app/colunas/opovonosbairros/2012/10/29noticiasopovonosbairros,2944394/bairro-comemora-91-anos-com-muita-historia-para-contar.shtml>. Acesso em: 16 ago. 2013.

No bairro, a sucessão de residências emprestam um ar homogêneo, indiferenciado. De perto, percebemos que cada casa tem um número, uma cor, formato de portas e janelas, alguma coisa que distingue umas das outras. A casa é o maior depositário de lembranças, verdadeiro relicário da memória. Independente do tamanho ou da condição de conforto é considerado o lugar do abrigo, do aconchego. É essa sucessão de casas intercaladas por ruas e avenidas que garante a vida de animação do bairro. Impossível esquecer-se das festas e reuniões. Em cada casa frequentada na infância, a lembranças das festas, dos cordões de carnaval, do desfile de fantasia, dos blocos, da formatura do ABC. As grandes festas públicas, na Praça, são inesquecíveis.

No bairro Parangaba, as casas e calçadas, ruas, praças, fábricas, lojas e transportes são conceitos que remetem à ideia de escala. Afastamo-nos de casa para trabalhar, estudar, recrear, mas voltamos a ela. E ela está na Parangaba, uma espécie de destino que fixa milhares de pessoas neste bairro, que associa tradição e modernidade sem muita complicação. O interessante é que a dimensão da festa está sempre presente. Bairro é na verdade lugar de casas, estejam elas juntas ou dispersas. O corre-corre dos tempos modernos transferiu as comemorações para novas casas de festa. Nenhum problema. A alegria da dimensão do encontro, do estar junto, continua. A casa, no sentido de morada e abrigo é o princípio e o fim de tudo, o ir e voltar para as quatro pare-

des que nos protegem. Muitos saíram de Parangaba, muitos chegaram. Um grande contingente resiste. Mora no bairro, canta as loas de um lugar de forte identidade. Não importa a confusão que fazem em relação aos banhos de Iracema nas lagoas da cidade. O que importa é que a Parangaba cresce, atraindo muita gente de fora. Esse gigantismo recente que o bairro atravessa, com tantas mudanças e transformações, assusta os mais antigos. Os mais jovens e os recém-chegados ao bairro comemoram. Falam das vantagens que irão desfrutar com a sensível melhoria dos transportes, do comércio, dos serviços e das opções de lazer. Parangaba mostra um crescimento diferenciado com seus novos equipamentos e infraestrutura. Os tradicionais moradores do bairro têm certeza que todas as demandas serão plenamente atendidas mediante as necessidades detectadas. Têm certeza também do poder de competitividade do bairro, dos ganhos que advirão com as melhorias. Sabem que a partir de Parangaba uma enorme porção do espaço metropolitano de Fortaleza deverá gravitar em torno do potencial comercial que se instala atualmente no bairro. No entorno da Lagoa, os convictos moradores de Parangaba contemplam as novas torres em construção. Todas com previsão de um salão de festas. É uma nova fase da vida do bairro. Do passado, do casario que se espalhava em todas as direções, só fotografias, postais e filmes capazes de comprovar a placidez. Para contar histórias e falar das festas sobraram alguns exemplares remanescentes de outros tempos. O comércio se espa-

lha pelo bairro, chegam novos serviços e a população vai, aos poucos, ajustando-se às mudanças. O bairro muda. As festas, entretanto, permanecem. Exemplo de manifestação de grupo de resistência em Parangaba se deu com a criação do Instituto Amanaiara, com o firme propósito de resgatar a tradição da Festa dos Caboclos.

O Instituto Amanaiara foi fundado oficialmente aos 14 de janeiro de 2004. Partiu de um grupo de pessoas que participava da organização dos festejos da Coroa do Bom Jesus dos Aflitos, desde o ano de 2001. Mais precisamente, de pessoas ligadas às lutas da Grande Parangaba e engajadas na pesquisa acadêmica sobre história e cultura desta comunidade e da tradição da Festa dos Caboclos. Antes da formação do Instituto, os que hoje são membros efetivos já realizavam pesquisas sobre esse festejo devido ao seu valor histórico que remonta ao período colonial cearense (1603, aproximadamente) e à sua importância para a cultura local. Quem em Parangaba nunca ouviu falar dos "Caboclos da Coroa"? Finalmente, tendo formalizado o grupo como Instituto Amanaiara, estabelecemos algumas parcerias importantes com o grupo Mira Ira, do CEFET-CE (Centro Federal de Educação Tecnológica do Ceará), a CCF (Comissão Cearense de Folclore), a FUNCET (Fundação de Cultura, Esporte e Turismo da Prefeitura de

Fortaleza), a SECULT-CE (Secretaria de Cultura do Estado do Ceará) e diversos grupos artísticos populares que nos ajudaram na organização e realização das festas em Parangaba, no período de dezembro de 2002, 2003 e 2004. Através de outros apoios conseguimos também realizar várias atividades que tinham em vista a propiciação de atividades culturais para a população local. Realizamos atividades em comemoração ao Dia do Meio-Ambiente, Dia do Folclore, Dia do Idoso, e ainda o I Cine Clube, a I Mostra de Quadrilhas, o Seminário Vozes da Tradição e a inauguração do Memorial Parangaba, por ocasião da abertura dos festejos em setembro de 2004. Nesse momento estamos tentando a articulação com outras formas de patrocínio para darmos o passo seguinte rumo às atividades de longo prazo que possa concretizar e selar definitivamente a existência do Instituto dentro de Parangaba como um meio facilitador entre o povo e sua riqueza cultural. A atual coordenação que tomou posse no segundo semestre de 2005 é composta por Kelson Moreira como coordenador geral, Lourdes Macena como secretária e José Wagner Sampaio como tesoureiro. São ainda sócios efetivos Maria Rodrigues Barbosa, Tânia Saraiva Leão, Elândia Oliveira Sousa, Raquel da

Silva Bento e Flávio Lima da Silva. <sup>12</sup>

A festa é uma dimensão importante da vida coletiva. O resgate de festa é marcado por vários significados. As festas associam valores socialmente aceitos. A Festa dos Caboclos, agora revisitada e restaurada através de pesquisas e depoimentos, é expressão de resgate do próprio bairro em busca de suas raízes, suas tradições e seus costumes. Para Oliveira (1997), "todas as sociedades alternam suas vidas entre o trabalho e a festa, forma primordial de civilização humana, expressão de uma visão do mundo que guarda relação com o tempo"<sup>13</sup>. E por falar em festas, o carnaval não podia ficar fora. Fortaleza não é conhecida como cidade carnavalesca, embora se consolide como a cidade do carnaval "fora de época" e do "pré-carnaval". Esse período pré-carnavalesco vem a calhar para a cidade. É forte o hábito de se viajar durante as festas de momo. Nesse período, as cidades do litoral e muitas do interior recebem levas e levas de turistas de Fortaleza. Para não ficar sem "brincar" o carnaval, a cidade aprimorou os festejos realizados previamente. Neste contexto, Parangaba situa-se como uma das comunidades mais animadas, que o diga a reportagem jornalística sobre o pré-carnaval no bairro:

*O II Pré-Carnaval da Parangaba, que ocorreu nos dias 02 e 03 de Fevereiro, na Praça Primeiro de Ja-*

---

<sup>12</sup> Disponível em: <http://www.panoramio.com/photo/3838952>. Acesso em 23 ago. 2013.

<sup>13</sup> OLIVEIRA, Caterina Maria de Saboya. *Fortaleza: Velhos Carnavais*. Fortaleza, Edições UFC/Casa de José de Alencar, 1997, p. 24.

*neiro*, foi um sucesso. Conseguimos unir brincantes em um ambiente sadio e descontraído, onde o ritmo dos tamborins convidava todos para caírem no samba. A bateria bem entrosada e formada por jovens de 08 a 17 anos mostrou que tem potencial para arrastar a taça de 1º lugar do Carnaval de rua, no qual estarão desfilando na *Avenida Domingos Olímpio*. No ano passado, esses mesmos ritmistas levaram para casa o *troféu de 2º lugar no Carnaval de Rua de Fortaleza*.

Desejamos aos alunos que compõem essa bela bateria, muito sucesso e garra para continuar atuando de forma brilhante no cenário cultural da cidade. Em breve estaremos divulgando as fotos do evento!<sup>14</sup>

O povo do bairro é festeiro ou não é?

---

14 Disponível em: <http://www.tocandoavida.org.br/ii-pre-carnaval-da-parangaba-2013>. Acesso em: 24 ago. 2013.

## Feiras

Fortaleza, manhã de um domingo em pleno início de maio de 2013. Sigo para Parangaba. O trânsito fluía bem. A sucessão de imagens de quadras edificadas dá lugar a um casario ao longo das vias. Lotes mais estreitos, casas geminadas. O percurso é tranquilo. Resolvo seguir pela Avenida José Bastos. Dia de Feira. Estaciono no local possível e sigo uma multidão que caminha espremida entre a calçada e as poças d'água. Tinha chovido de madrugada. Vou atravessando a Feira, uma das mais famosas de Fortaleza, percebendo uma profusão de formas, uma racionalidade formidável. Em meio ao vai e vem de pessoas que se acotovelam, as barracas oferecem uma variada linha de produtos. Tem tudo. É difícil recuperar o visto. Até os mapas mentais parecem enganosos diante do que se vê e do ziguezague da Feira de Parangaba. No plano da aparência, um verdadeiro cenário caótico com barracas de cobertura irregular, além de seu aspecto informal e de ilegalidade. Os plásticos das coberturas das barracas ondulam-se e provocam ruídos com o sopro da brisa e de ventos mais fortes. A Feira parece não ter fim. Face à multiplicidade de produtos comercializados, a vontade de parar, olhar, perguntar. Fico curioso com muitas coisas. Peças empilhadas, objetos que indicam que surgiram do desmanche de outro de maior porte. É evidente a ordem

e o esmero das barracas. Todas preocupadas com a melhor exposição dos produtos. Na aparente desordem, uma lógica organizacional é imperativa. Parte da margem da Lagoa da Parangaba está ocupada pela Feira, que continua sendo chamada de Feira dos Pássaros. Em sua complexa simplicidade, um número expressivo de objetos é ofertado como mercadorias. Encontra-se da borracha para panela de pressão, ferramentas, peças de vestuário, videogames, entre outras. A Feira de Parangaba tem pequenos quiosques de lanche. Sua estrutura de aparência efêmera permanece no local toda a semana. Quem vê o "esqueleto" da Feira nos dias da semana, não pode imaginar a dinâmica que aquele lugar adquire nos domingos, dia que a feira se espalha e ocupa os canteiros centrais das vias próximos ao cruzamento das Avenidas Fernandes Távora, José Bastos, Augusto dos Anjos e Rua Prof. Gomes Brasil.

Na Feira, de um lado e do outro, uma profusão de imagens formadas com seus ângulos, claros e escuros, luzes e sombras, opacidades. Nada fica livre do olhar curioso do observador. Descobrir minúcias, lugares escondidos, palmilhar os becos e corredores das feiras e mercados torna-se um dever para os adeptos de caminhadas, os que se deliciam com a observação direta do real. Parangaba é excelente para compreensão e interpretação de um bairro no seio de uma cidade gigantesca como Fortaleza.

Uma das hipóteses da origem da conhecida feira é a que se fundamenta no fato da Parangaba ter sido uma importante feira de gado no século XIX. Muitos relacionam essa antiga atividade à origem da atual 'feira dos pássaros'. Confirmam que o comércio de gado no bairro surgiu como alternativa aos criadores, que precisavam vender os seus animais em Fortaleza, mas não queriam pagar as licenças exigidas pelo poder público. Nas entradas da Capital da Província havia porteiras (pontos de fiscalização), onde eram cobradas licenças de comercialização dos animais. Essas taxas eram cobradas por cabeça de gado e encareciam as mercadorias. Em virtude dessas taxas, muitos criadores passaram a utilizar caminhos clandestinos para entrar em Fortaleza, ou comercializavam seus animais na vila mais próxima à Capital, no caso Arronches. A Câmara Municipal de Arronches, ao tomar conhecimento desse fato, construiu currais visando a arrecadação fiscal, entretanto, os criadores se recusavam a utilizá-los (SILVA, A., 2005)<sup>15</sup>

A observação direta ultrapassa os limites do olhar, provoca todos os sentidos, permite imagens variadas, representações, perspectivas, escalas. A feira também é espaço institucional. Sua aparência de transgressão é enganosa. Ela é regulada. Há enorme esforço oficial para discipliná-la.

---

15 SILVA, A., 2005, Apud LOPES, Francisco Clébio Rodrigues, *A Centralidade da Parangaba como Produto da Fragmentação de Fortaleza (CE)*, Dissertação submetida ao PPG Geografia da UFC, Fortaleza, 2006.

Na tarde desta quinta-feira (11/4), a Prefeitura Municipal de Fortaleza, por intermédio da Regional IV, reuniu-se com representantes da Feira da Parangaba... “O objetivo da Prefeitura é trabalhar em conjunto com os feirantes a fim de efetuar uma reorganização naquele espaço e isso vai ocasionar melhorias para todos”, afirmou Rafael Mourão, chefe do Distrito de Meio Ambiente e Serviços Urbanos da Regional IV.<sup>16</sup>

A Feira dos Pássaros em Parangaba é, sem dúvida alguma, uma atração à parte.

---

<sup>16</sup> Disponível em: [www.fortaleza.ce.gov.br/noticias/trabalho/representantes-da-prefeitura-se-reunem-com-associacao-dos-feirantes-da-parangaba](http://www.fortaleza.ce.gov.br/noticias/trabalho/representantes-da-prefeitura-se-reunem-com-associacao-dos-feirantes-da-parangaba). Acesso em: 16 ago. 2013.



## Capítulo IV



### Uma natureza, várias paisagens

**P**arangaba está sempre na mídia que discute as questões ambientais em Fortaleza. A discussão sobre a preservação da lagoa e do verde remanescente do bairro é uma constante e anima movimentos sociais que têm a questão ecológica e ambiental como bandeira de luta. A descaracterização contínua do bairro comprova a negligência da gestão urbana no que concerne aos preceitos das conquistas sociais pertinentes ao meio ambiente. Na Lagoa, a agressão à natureza é evidente. Parangaba enfrenta problemas sérios, de toda ordem, capazes de comprometer muitas de suas qualidades. O crescimento urbano desordenado tem sido perverso com o bairro. A natureza é assim descrita no site da Paróquia Bom Jesus dos Aflitos:

Em Parangaba, domina o verde, com seculares mangueirais, o clima nostálgico, a lagoa paisagística e

alguns prédios históricos, como o edifício da antiga Prefeitura Distrital, Casas Paroquiais e a centenária casa da Família Pedra, pioneira na indústria da panificação. É ainda na área da Parangaba que se situa o mais antigo cemitério da cidade de Fortaleza.<sup>17</sup>

Em Parangaba são muito os problemas ligados ao saneamento básico, como é o caso das águas servidas, reciclagem de lixo doméstico e sobras industriais. No bairro, a ocupação desordenada devido à falta ou insuficiência de políticas públicas resulta em ambientes degradados. Embora reduzidos quanto à área que ocupam, os efeitos sobre a contaminação do bairro são danosos. Em toda a cidade os movimentos sociais urbanos em defesa da natureza se mobilizam quando o assunto é preservar o potencial paisagístico de Parangaba. No bairro há muitas vozes em defesa do seu patrimônio ambiental. No caso da Lagoa, sua condição ultrapassa o conceito de natureza e se inscreve como paisagem cultural. Os moradores têm plena consciência de seu poder de pressão. Sabem que suas manifestações forçam e pressionam as autoridades em busca de soluções ou medidas capazes de reduzir os níveis de poluição e combater a derrubada de árvores que garantem o manto verde remanescente do bairro.

---

17 Disponível em: <http://www.paroquiabomjesusdosafritos.org.br/historia.htm>.

Acesso em: 9 dez. 2013.

## **Contemplada pela Natureza - A Lagoa**

Parangaba não é um bairro sofisticado. Trata-se de um bairro central, sem vista do mar, entretanto, com vista para a lagoa. Em certos ângulos, especialmente no trecho oeste da Lagoa, vários edifícios em construção convivem com lojas e supermercados que mesclam, entre seus clientes, pessoas de diferentes classes sociais. Saindo da Praça Coronel Alfredo Weyne, alcança-se logo o calçadão com vistas deslumbrantes. Espraia-se uma imensa área dominada pela Lagoa. A via passa sobre o que chamamos de túnel, que facilita muito o trânsito do bairro. Contornando a Lagoa parcialmente, uma avenida larga de pista dupla e canteiro central. Saindo da Praça, se pararmos às margens da Lagoa, veremos uma sucessão de habitações de boa qualidade, acesso à quadra desportiva, supermercados, Terminal Lagoa e muitas obras. Nas Avenidas José Bastos e Augusto dos Anjos e Rua Prof. Gomes Brasil, lojas variadas, revendas de automóveis. A Lagoa domina a paisagem. Difícil não percebê-la dada a sua localização no bairro e o tamanho de seu espelho de água. Trata-se da maior lagoa de Fortaleza e também a que tem maior volume de água. Ela integra a bacia hidrográfica do Rio Ceará.

Contrapondo ao olhar preocupado com suas condições ecológicas, Parangaba de hoje parece uma cidade nova.

Muitos se preocupam com a preservação da natureza. Apesar dos transtornos das obras, para muitos, fica evidente uma ponta de orgulho quando se referem ao dinamismo do bairro. Obras do metrô, ruas e novas avenidas, uma sucessão de grandes equipamentos comerciais, condomínios, templos religiosos, shoppings. Em meio a tudo isso, o verdejante das copas das mangueiras. Do outro lado, ou seja, na porção leste da linha do metrô, o Terminal Parangaba. No Terminal, fim de linha para uns, início para outros, de uma saga dentro de ônibus, metrô e vans que dura um bom tempo. Nesse Terminal, o mais movimentado da cidade, o tempo não para. Embarque e desembarque, busca de informações sobre o ponto inicial e condições de acesso às linhas coletoras. Na Estação do Metrô, a modernidade da escada rolante que permite o acesso aos cais da estação suspensa. No metrô, o comando sonoro idêntico aos das grandes metrópoles e aeroportos.

Em meio às obras, debates e conflitos, o bairro volta um olhar para o passado, vive o presente e, preocupado, pensa o futuro. Mistura de nostalgia e orgulho do frenesi do progresso. Face a situação da natureza, o quadro do bairro não é muito promissor. O volume de obras implica em sérias intervenções: abate de árvores, verticalização das edificações, impermeabilização do solo, uso especulativo da terra urbana, geração de fluxo e refluxo de pessoas em escala, até então, desconhecida pelo bairro. Parangaba se

urbanizou de forma desordenada, comprometendo muito seu componente ambiental.

A profusão de imagens geradas pelos novos investimentos camufla os momentos de reflexão e discussão sobre as questões ambientais do bairro.

O bairro da Parangaba apresenta sérios contrastes. São muitos os que ainda não tiveram acesso à moradia digna. Do conjunto urbano formado por Parangaba, sob a perspectiva de uma economia ambiental tendo em vista a sustentabilidade, nos últimos 20 anos o bairro recuou, evidenciando perdas ambientais significativas.





## Capítulo V



### **Entre a memória e o esquecimento: a estação de trem semienterrada**

O sentimento de pertencimento ao lugar está presente nas falas, nas expressões e nos gestos dos cidadãos. O resgate da memória resulta numa trama especial, pautada nos vínculos construídos com as pessoas e as referências dos lugares. Desses vínculos decorrem movimentos de diferentes atores sociais que se ajustam, ou não, no interior do bairro em busca de seus anseios. Moradores de bairros e setores da cidade estabelecem um diálogo com o bairro em sua totalidade. Morar na Parangaba para quem trabalha ou estuda no outro extremo da cidade pode parecer um problema. Entretanto, a partir de seu olhar, permanecer no bairro é fonte de tanta satisfação que compensa o sacrifício do deslocamento cotidiano. Os lugares são prenhes de significado, daí se configurarem a partir da experiência, da vivência. Assumem a

condição de lugar a partir da relação de reciprocidade estabelecida entre o sujeito e o observado. É nesse contexto experiencial que eles, os lugares, podem ser percebidos como topofílicos, aqueles que transmitem a sensação de prazer, de agrado, proteção e acolhimento. Os topofóbicos, ao contrário, são os que provocam a reação de mal estar, de repulsão.

Os habitantes do bairro são seus sujeitos privilegiados, protagonistas de uma história local feita de sentimentos, vínculos, emoções. A construção de roteiros afetivos, a eleição de lugares topofílicos, aqueles pautados no agrado e no prazer que as pessoas sentem quando chegam ou quando estão neles. Da mesma forma, sob a égide das emoções e dos sentimentos, alguns lugares são vistos por certas pessoas como topofóbicos, isto é, são desprovidos daquela aura dos lugares topofílicos, independente de ser equipado ou não. Em Parangaba, mesmo antigos moradores que, por circunstâncias específicas, tiveram que mudar, continuam frequentando vários espaços do bairro, compram no comércio e usam os serviços. São moradores que desenham uma cartografia afetiva, pautada em lugares sentimentalmente referenciados. A relação entre cidade e cidadão é desenhada, antes de mais nada, no bairro. Ele é a unidade de vizinhança, o núcleo de aproximações assumidas e reconhecidas. O bairro como núcleo gerador de atividades, como nó de relações na trama da cidade é um campo minado de afetividade. Seu crescimento, suas transformações podem

provocar um estranhamento em seus moradores quando a trama da afetividade é afetada. A perda de vínculos e de referenciais caracteriza o anonimato, o individualismo, o isolamento. A preservação da memória é um elemento fundamental na permanência dos vínculos afetivos com os lugares. Festas, folguedos, jogos, brincadeiras, comemorações, desfiles cívicos ou religiosos são fundamentais na preservação dos vínculos e dos afetos entre o cidadão e a cidade, entre o cidadão e o bairro.

O bairro na cidade é o local de nossas referências cotidianas. O emaranhado de ruas, praças, calçadas invade nossas vidas. Morar numa cidade se reduz, na maioria das vezes, à experiência vivida no bairro. Parangaba é um bairro que desperta paixões e fermenta diferentes experiências cotidianas. Viver num bairro é o fim da busca incessante do lugar por caminhos diferentes. O bairro têm uma multiplicidade de trajetórias pessoais. Parangaba se renova. Alguns mais velhos, com antigas imagens do bairro guardadas na retina, certamente perguntarão o que sobrou da Parangaba. O bairro virou imagem. Recorreram a fotos, postais e álbuns de família. Farão enorme esforço de memória para descrever o que fora o bairro desgarrado de Fortaleza e, agora, tão entranhado na malha da cidade. Lembranças da Praça da Igreja Matriz, das festas, das quermesses. O bairro é a expressão das múltiplas possibilidades de leitura das tramas urbanas construídas na tessitura das cidades.

No bairro, o ponto de partida é identificar traços de união ou desunião entre o local da vida cotidiana, o cidadão e a cidade na complexidade da vida contemporânea. É necessário discernir fatores que interferem nas relações estabelecidas nos dois, o bairro e o cidadão, considerando seu peso simbólico, o tamanho descomunal que eles atingem e a diversidade de territórios contidos em seu interior. No cotidiano urbano do bairro, com seus nexos e reflexos, repousa o pressuposto para entender a dinâmica metropolitana na dimensão dos sentimentos de pertença que une o cidadão à cidade.

O interior da cidade contém um universo constituído de múltiplas situações pautadas em relações objetivas e subjetivas que indicam facilidades e dificuldades de ajustes e adaptações dos cidadãos ao bairro e à cidade e, sobretudo, ao modo de vida urbano. Viver no bairro, vislumbrar nele a cidade da qual você faz parte, cria vínculos, constrói relações que afetam, na dimensão do cotidiano, jovens, crianças e adultos.

As imagens dos bairros são construídas nas experiências cotidianas dos cidadãos. A memória e a lembrança são instantes, momentos que quando vêm à tona, constroem imagens positivas ou negativas dos lugares. Alguns objetos tem enorme peso simbólico na memória dos cidadãos. No caso de Parangaba, a velha Estação do Trem,

inaugurada em 30 de novembro de 1873, é considerada uma das mais importantes edificações da cidade.

- Situada à rua Dom Pedro II, s/n;
- Em 29 de novembro de 1873, deu-se a inauguração oficial do trecho ligando Fortaleza a Arronches, hoje Parangaba, com 7.559 quilômetros, a 26.814 metros acima do nível do mar, sendo o trecho e a estação inaugurados ao mesmo tempo. A Estação Central João Felipe foi inaugurada em 30 de novembro de 1873. A locomotiva Fortaleza realizou a primeira viagem de trem sobre o trecho da Estrada de Ferro;
- A primeira estação de Arronches foi demolida, sendo reconstruída em 1927, segundo o projeto do engenheiro Estêvão Mansueto, apresentando características da arquitetura residencial europeia, aqui adotada na década de 20;
- O prédio sofreu nova reforma em 1939, para a construção da linha do Mucuripe, sendo inaugurado em 28 de janeiro de 1941 sob a gerência da Rede de Viação Cearense (RVC), contando também com supervisão posterior – 1957 a 1998 – da Rede Ferroviária Federal (RFFESA);
- A Estação é, junto com a Igreja Matriz da Parangaba, um dos prédios mais antigos do bairro;
- Por conta do Decreto Municipal 12.099, de 21

de setembro de 2006, a estrutura está em processo de tombamento.

Fontes: Pesquisador Paulo Roberto Ferreira e Funcet<sup>18</sup>

A estação do trem não é apenas um lugar de passagem, não se reduz a embarques e desembarques. A estação de trem é local de trabalho que vê o vai e vem de trens. É vista por maquinistas e passageiros que chegam e partem. É local de trabalho do chefe da estação e de outros funcionários. Inserida na paisagem, a estação é uma importante referência do bairro. Quantos encontros e desencontros aconteceram! A tristeza da partida, compensada pela alegria da chegada. Passear, ir até a Estação, ver as novidades. A Estação de Parangaba viveu muitas histórias, foi palco de muitos acontecimentos. As obras de engenharia permitiram sua conservação. Entretanto, o trabalho de rebaixamento retirou o ar de grandiosidade da velha estação. Ao vê-la semienterrada, senti um quê de tristeza, parecia faltar-lhe algo, estava incompleta. Os objetos prestam-se à diferentes olhares. As perspectivas garantem imagens variadas. A antiga estação, elevada ao nível da plataforma, parecia uma sentinela protegendo o bairro. Tomara que permaneça no povo da Parangaba o mesmo interesse

---

18 Disponível em: [http://inextra.blogspot.com.br/2007/04/historia-da-parangaba-ameada\\_7618.html](http://inextra.blogspot.com.br/2007/04/historia-da-parangaba-ameada_7618.html). Acesso em: 21 ago. 2013.

por ela, antes despertado. Ao vê-la parcialmente enterrada, senti ameaças sobre a preservação da memória do bairro. Quanto aos trabalhos, muito foi discutido e falado. Entre outros comentários, cito o seguinte:

O trabalho de rebaixamento da Estação Ferroviária da Parangaba está sendo finalizado. Em cerca de 30 dias de trabalho, o prédio da Estação foi rebaixado 3,5 metros em relação ao nível da rua para a conclusão do elevador do Metrô de Fortaleza. A obra de engenharia é inédita no Ceará e vai garantir a integridade física do imóvel, tombado em 2008 pelo município de Fortaleza. Após o rebaixamento, terá início a obra de restauro da edificação, que deve manter as suas características originais. Essa etapa deve durar cerca de 35 dias.<sup>19</sup>

Os logradouros públicos, monumentos e edifícios de prestígio são referências nas lembranças dos cidadãos. Entre a memória e o esquecimento, imagens fugidias adquirem formas. As praças são muito importantes em qualquer aglomerado humano. São espaços de fluidez e fruição, arejam as cidades e permitem pausa para repouso e amenidades. Em Parangaba, essa importância é muito maior. Considerando o número de usuários, suas praças constituem espaços

---

<sup>19</sup> Disponível em: <http://pge-ce.jusbrasil.com.br/noticias/1609754/rebaixamento-da-estacao-da-parangaba-esta-sendo-concluido>. Acesso em: 31 ago. 2013.

possíveis de animação da vida cotidiana. A Praça Coronel Alfredo Weyne, também conhecida como Praça da Matriz da Parangaba, e a Praça dos Caboclos são as mais conhecidas. No bairro são reconhecidas como espaços identitários da comunidade, onde são construídos laços de solidariedade e trocas simbólicas de forte significado na vida cotidiana. Além dessas praças, as demais também são espaços de confrontos e conflitos. Grupos distintos tentam territorializá-las, instituindo múltiplas pejeas envolvendo a disputa entre grupos rivais. Vira e mexe surge o problema de usuários de drogas nas praças, o que tira a tranquilidade dos moradores.

Andar pelas ruas da Parangaba remete à história do bairro, remete às reminiscências dos que ali viveram ou dos que conhecem ou conheceram esse bairro, que é uma referência para a cidade de Fortaleza. A topografia do bairro, seu arruamento contém uma cartografia sinuosa, que obedece às curvas impostas pelo formato da Lagoa e à geografia do bairro. Apegamo-nos aos lugares. Sua Estação Ferroviária, agora restaurada, mostra a diferença dela com as demais no espaço suburbano da cidade, transformando-a em lugar especial. A população, por sua vez, valoriza suas praças, embora não as utilizem mais por não terem novos equipamentos. O jovem quer uma praça com ambiente wireless, onde possa plugar seus diferentes equipamentos eletrônicos e assim, continuar conectado ao mundo. Em Parangaba, como em muitos lugares de Fortaleza, os moradores do bairro e

das adjacências usam o calçadão no entorno da lagoa como espaço alternativo para o ócio e o lazer. Praticam a caminhada e fazem exercícios ao ar livre. Essas práticas provocam maior ocupação dos espaços públicos.

A memória de um bairro reside no cotidiano de seus agentes e atores com suas vivências e experiências. Os depoimentos, a análise documental, os suportes da memória representados pelo casario, lojas comerciais, edifícios de prestígio, profissões remanescentes de atividades em desuso dão conta da tarefa de recuperação da essência dos lugares. A paisagem é cúmplice das lembranças, oferece meios para se desvendar, no emaranhado do bairro, o enfoque da dimensão afetiva dos espaços urbanos destas cidades. Sua inserção na metrópole merece destaque. A história de Parangaba contém passagens traduzidas num esquema especial de muita estima pelo lugar, presente nas falas, nos gestos, nas expressões. Revelam vínculos de pertencimento que permitem inserir e confrontar o bairro em múltiplos diálogos com a cidade, construindo uma cartografia urbana inovadora, pautada nos intercâmbios, nas trocas cotidianas desenhadas e assumida no sentimento de apego ao lugar.

A memória que advém das lembranças do bairro remete sempre à identidade e ao pertencimento. São fortes os laços dos nascidos ou adotados por Parangaba.

O cidadão comum de Fortaleza fala e descreve o bairro com carinho e respeito. Parangaba se impôs na paisagem urbana e cultural da cidade. A linha do trem fragmentou o bairro, dando a ideia de duas Parangabas; a de cima, do Terminal Parangaba, e a de baixo, do Terminal Lagoa. Por pouco não ocorreu um processo que denomino de 'carnibalismo territorial', que ocorre quando um equipamento ou serviço anula um outro, similar. No caso do bairro, é comum encontrar pessoas que se identificam mais com a Parangaba de cima. O limite oeste deles é a Praça. Já os que gravitam em torno das Avenidas José Bastos e Augusto dos Anjos, vivem mais nessa porção oeste do bairro. Para muitos Parangaba é um bairro de transbordo, não ultrapassando os limites do Terminal. A memória do bairro está mais presente entre os mais velhos. Entretanto, é também expressivo o número de jovens que estabelecem vínculos identitários. Eles formam, ao lado da nova classe média que aí se instala, um público jovem, exigente e muito crítico em relação às mudanças que o bairro vem sofrendo.

## **Parangaba: dois lados e um trem no meio**

Parangaba tem uma relação ambígua com seus dois lados. Atravessando o bairro, o leito ferroviário dicotomizou-se. O trem que liga, fragmenta, fratura, divide em partes. Hoje a linha do metrô se estrutura em forma de elevado. Entretanto, os traços do bairro partido permanecem. A Lagoa da Parangaba, com suas margens, garante uma orla ao bairro central distante do mar. Não dá para contornar toda a Lagoa desfrutando de todo seu potencial paisagístico, pois em dois trechos residenciais e outros estabelecimentos estendem-se até o espelho de água. As margens da Lagoa são valorizadas por novos e velhos moradores da Parangaba e adjacências que tiram partido das amenidades e da beleza da paisagem única.

A expressão maior dessa compartimentação do bairro são os terminais de integração. A denominação Terminal Parangaba e Terminal Lagoa pode falsear a identidade do bairro, como se um nome reforçasse e o outro negasse. Não é bem assim. Não existem duas Parangabas. O trem, sem dúvida alguma, dividiu o bairro. Reservou área livre para o Pátio de Manobras, o que impediu a conexão leste/oeste. As indústrias de grande porte e galpões de depósitos também contribuíram para uma maior fluidez

norte/sul (Avenidas José Bastos/Augusto dos Anjos/João Pessoa com conexão com as Avenidas General Osório de Paiva e Cônego de Castro, Avenida Godofredo Maciel e Rua Almirante Rufino. São várias vias no sentido norte/sul e poucas no sentido leste/oeste ( Avenida Senador Fernandes Távora, Rua Prof. Gomes Brasil e Avenida Dedé Brasil). Na porção norte da Lagoa, a Avenida Carneiro de Mendonça é fundamental na circulação do bairro.

Os que moram ou chegam ao bairro pelo lado do Terminal Lagoa visitam a feira em toda sua extensão. Caminham na orla. À tardinha, uma animação só. Isso acontece todos os dias. Na Praça da Matriz há diferentes grupos. Muitos marcam encontro na Praça e ficam aguardando à sombra das árvores. O restaurante Popular garante muito movimento. Aos domingos, a Praça adquire ares diferentes. No átrio da Igreja, o burburinho antes e depois das missas. No outro lado, em plena Praça, forasteiros, curiosos apreciam a beleza dos velhos casarões. Ali, a paisagem fala. Nas quadras do Ginásio, a animação juvenil dos jogos, treinos, competições e aulas de ginástica. A balneabilidade perdida da Lagoa não impede a aventura dos mais intrépidos. Aqui e ali uma vara de pescaria. A Lagoa insiste em ser poética. Imune às transformações de seu entorno, apesar de denominar um Terminal de Ônibus, chama-se Lagoa da Parangaba, provando que mesmo assim o trem não consegue dividir o bairro. Na ousadia de completar o

contorno da Lagoa, em alguns pontos interrompidos, vários pontos de visada oferecem paisagens deslumbrantes.

Parangaba é um bairro de forte centralidade em relação a outros bairros de Fortaleza. É um importante corredor de circulação rodoviária, com vias que seguem várias direções. Essa condição faz com que o bairro seja bem servido de transportes coletivos. É servido por muitas linhas de ônibus que alcançam seus dois terminais (Parangaba e Lagoa). É bem servido também pelas demandas de transporte intermunicipal. Possui vários pontos marcados por intensos fluxos de veículos particulares, o que o torna importante polo de circulação. Nas horas de pico, suas ruas e avenidas apresentam vários pontos de retenção do tráfego com enormes engarrafamentos.

A profusão de imagens dos lugares não prescinde da observação direta. Munido de referencial teórico, de propostas metodológicas sofisticadas e instrumentos que facilitam encontrar a posição e localização dos lugares, o viajante, em sua prática, realiza percursos interessantes.

## **Até logo, Parangaba! Estou indo...**

Chego ao final do percurso com a certeza que a ida ao campo com a observação direta é fundamental. Para o amante de cidades, a curiosidade não tem fim. Quero encerrar esse bate-papo e não consigo. Meu olhar se orienta em todas as direções em busca do conhecimento e da compreensão dos lugares que visito e gosto. Andar, perder-me pelas ruas das cidades, adentrar em lugares cheios de surpresas em cada esquina, espreitar aspectos da vida cotidiana cheia de riqueza e de mistérios. Você chega ao fim da rua e bem naquele cantinho começa um beco. Eu podia parar por aqui, mas não me contendo. Olho e, ao longe, vejo uma mulher, provavelmente uma mãe, preguiçosamente penteando e fazendo tranças no cabelo da criança. Saio no outro lado do beco, outra rua. Em Parangaba, uma surpresa em cada canto. E eu que queria encerrar por aqui, vejo numa esquina, o carrinho de pipoca exalando o cheiro de óleo vagabundo. Chega um, pede um saquinho de pipoca salgada. Pede para colocar mais sal e, se possível, um molhinho de pimenta. É hora da pipoca doce. O cheiro de açúcar queimado impregna o ambiente. Nas festas e quermesses sempre aparece o vendedor de algodão doce. Em Parangaba, chama a atenção o vendedor de bonecos de pelúcia. Sonho de muitas meninas, no dia dos namorados.

Como observador atento, olho as pessoas. Tudo depende da hora e do local. Em Parangaba, na porta dos Bancos e da agência do INSS, enormes filas. Idosos de todos os tipos, alguns sós, a maioria, acompanhada. É comum a presença de filhos ou netos. Estão ali para garantir a integridade do pensionista ou segurado. Querem ter certeza que pegarão, em primeira mão, a ajuda que recebem desses parentes mais velhos. Dentre eles, alguns bem idosos, a função de chefe da família como provedor, permanece. O interessante é que as pessoas se enfeitam para enfrentar as filas. Mulheres colocam suas melhores roupas. Capricham. Lábios pintados, faces roseadas e cabelos sedosos. A demora no atendimento provoca a perda do viço apresentado nas primeiras horas. Correndo paralelo à fila, o vai e vem de vendedores que oferecem de tudo. Tem vendedor de bilhete da loteria, garantindo que está vendendo o premiado, agente de empréstimo consignado prometendo milagres, rapazes e moças fazendo propaganda de empresas que oferecem crédito na hora, sem fiador, sem nada. Passa o vendedor de água e sucos. Uma senhora vende pacotes com biscoito de goma. Todos arrumados um sobre o outro, no saquinho. A sensação que tenho é que chamam de "bulinho", posso estar enganado, mas é isso que ouço. Dão impressão que foram feitos sob medida, cabendo bem ajustado. Lentamente ela amarra um por um numa haste. Quando se aproxima de um suposto comprador, apoia a haste no chão e vai retirando de baixo para cima, diminuindo a quantidade de saquinhos.

Gosto de ver o vendedor de brincos. Passa com seu guarda-chuva fechado. Quando abre, forma-se um painel de gomos, com produtos coloridos, uma profusão de modelos, para todos os gostos. Tem vendedor de tudo. Pedintes de todas as idades insistem na sensibilização dos que receberão o dinheiro do mês. Alguns policiais fazem a segurança nas imediações. Dia de pagamento, os agiotas rondam as proximidades. É hora da cobrança com juros altíssimos. Entre cobrador e devedor, sempre uma pelega.

Tenho andado muito por aqui nos últimos dias. Desde que assumi o compromisso com a escrita deste livro, passo um bom tempo observando o bairro. Muitos acham a Parangaba "um verdadeiro paraíso". Eles têm razão. Tenho que admitir, pois falam a verdade. Parangaba é especial, cheia de luz, de alegria, de hospitalidade. Não foi à toa que muitos escolheram o bairro para passar a maior parte da vida. Entretanto, independente das qualidades de Parangaba, temos o hábito de eleger nossos paraísos imaginários. Para mim, e para a maioria das pessoas, Parangaba agrada e agrada muito. As pessoas que me perguntam, quando digo que gosto muito da Parangaba, revelam, que independente de conhecerem ou não o bairro, demonstram simpatia, identificam nele uma espécie de lugar com alma, construído em relações diretas, estabelecidas entre o bairro e Fortaleza, e transmitida por relações informais ou familiares. Afirmam sempre que o bairro expressa a ideia de

trabalho e lazer, simultaneamente. Bairro ainda verdejante, onde parte das serras que circunda Fortaleza ainda não foi escondida pela floresta de prédios altos. Parangaba já tem alguns, é verdade. Bairro de contraste com paisagens bonitas e chaminés de fábricas. Bairro tranquilo e, ao mesmo tempo, entreposto de mercadorias com enormes superfícies voltadas ao abastecimento, ao consumo. Existem bairros que surgem em localizações impensáveis e, mesmo assim, ganham fama, atraindo milhares de forasteiros.

Coloquei no papel o que vi e senti. Muito dessa narrativa é fruto da minha experiência. Na mescla dos assuntos, o que escrevi revela minha visão de mundo, meu olhar sobre o mundo Parangaba. Efeitos e reações a partir do visto e do vivido, dependem do observador. O importante é que cada um relate o que viu e viveu e coloque suas observações em questão.

Agora sim, aproxima-se o final do percurso, e tenho certeza que a Parangaba foi um campo formidável de observação e análise. Sei dos efeitos e reações da subjetividade do olhar do observador.

Estou indo e sei que voltarei. Foram tantas as visitas que é impossível gravar a sequência. O que importa é que esse acúmulo de imagens, de mistura de cheiros, aromas e odores, forma um caleidoscópio. Ele é um pouco enganoso,

camufla, fragmenta e reproduz imagens num arranjo simétrico. Reconheço que a trajetória de Parangaba é de sucessivas superações. No bairro, você sempre se surpreende.

Cada vez que chego, um novo olhar. É verdade que a força do hábito pasteuriza as imagens. Vemos algo de forma banalizada, como se recusássemos o novo, admitir mudanças. Basta um olhar mais acurado sobre o aparente banal para se descobrir minúcias, filigranas, um mundo desconhecido. Parangaba é um bairro que muda, e muda muito. Entretanto, em vários pontos, detectamos características de permanência. Assim como em outros bairros, a descaracterização da paisagem tem ocorrido de forma agressiva. Apesar das reações em defesa da natureza, da imagem e da paisagem, elas não foram suficientes para conter excessos. Hoje a sociedade está mais exigente. Vivemos um momento histórico de tomada de consciência, pautado no princípio da vigilância e do controle dos bens materiais e imateriais da sociedade.

Parangaba é um mundo à parte e é, ao mesmo tempo, parte do mundo. O importante é saber de que forma incorporar o lado mundo do qual faz parte, sem perder sua originalidade, que faz da Parangaba um lugar especial.

Um lugar pode ser descaracterizado em função de desastres sociais e ambientais de grande porte, como incêndios, tsunamis, terremotos. Outros, caracterizam-se pela

ganância destrutiva da demolição do "velho" para dar lugar ao "novo". Essa sequência velho-novo-velho impõe dificuldades no plano do avanço social e das conquistas tecnológicas, capazes de melhorar a qualidade de vida. Cabe às autoridades e à sociedade civil discutir democraticamente as alternativas em busca de soluções ou consensos.

Um lugar é lembrado por seu povo, suas imagens, festas, seus aromas, cheiros, ruídos.

Parangaba não deve, não vai, certamente, frear o progresso. Deve, entretanto, buscar a melhor forma de viver o presente com a garantia de incorporar o futuro, sem esquecer o passado.

Até logo,  
Parangaba!  
Estou indo, mas  
certamente  
voltarei!





Este livro foi impresso em Fortaleza (CE), no verão de 2014.  
A fonte usada no miolo é Times New Roman, corpo 11/13,5.  
O papel do miolo é pólen 90g/m<sup>2</sup>, e o da capa é cartão supremo 250g/m<sup>2</sup>.